



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS
NA AMÉRICA LATINA**

**FOTO-DIÁLOGO, DIÁLOGO-FOTO: ENSAIOS SOBRE O INVISÍVEL E
SUBVERSÃO DAS NORMAS DE GÊNERO**

DILLIANY JUSTINO DE LIMA

Foz do Iguaçu
2019



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NA
AMÉRICA LATINA**

**FOTO-DIÁLOGO, DIÁLOGO-FOTO: ENSAIOS SOBRE O INVISÍVEL E SUBVERSÃO
DAS NORMAS DE GÊNERO**

DILLIANY JUSTINO DE LIMA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós- Graduação em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito de obtenção do título de Especialista em Direitos Humanos na América Latina.

Orientadora: Profa. Dra. Lorena Rodrigues Tavares de Freitas

Foz do Iguaçu
2019

DILLIANY JUSTINO DE LIMA

**FOTO-DIÁLOGO, DIÁLOGO-FOTO: ENSAIOS SOBRE O INVISÍVEL E SUBVERSÃO
DAS NORMAS DE GÊNERO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós- Graduação em Estudos Latino- Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito de obtenção do título de Especialista em Direitos Humanos na América Latina.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Lorena Rodrigues Tavares de Freitas
UNILA

Prof. (Titulação) (Nome do Professor)
(Sigla da Instituição)

Prof. (Titulação) (Nome do Professor)
(Sigla da Instituição)

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 AS NORMAS DO TORNAR-SE MULHER	08
3 REPRESENTAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE DO SER MULHER	11
4 FOTOGRAFIA DIALÓGICA	14
5 QUEM EU SOU? QUEM É VOCÊ?	18
6 ENSAIOS FOTOGRÁFICOS	21
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
8 REFERÊNCIAS	45

RESUMO

A presente proposta traz questionamentos e reflexões sobre gênero, beleza, subjetividade, representação e identidade em corpos cotidianamente violentados pelas estruturas de poder vigentes em nossa sociedade. Por meio da fotografia, o objetivo é materializar e instrumentalizar a visibilidade e a autonomia na escolha de como corpos atravessados pelas normas e muitas vezes invisibilizados e subjugados na perspectiva do “outro” dominante querem ser vistos. Ao propor a metodologia foto-diálogo e/ou diálogo-foto, a construção da imagem é utilizada como ferramenta para subversão da ordem heteronormativa, de feminilidades e masculinidades estabelecidas, de sentidos reguladores de uma identidade feminina.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos de Gênero; Feminismo; Fotografia; Identidade; Representação.

ABSTRACT

The present proposal raises questions and reflections about gender, beauty, subjectivity, representation and identity in bodies daily violated by the power structures in force in our society. Through photography, the objective is to materialize and instrumentalize visibility and autonomy in choosing how bodies crossed by norms and often invisible and subjugated in the perspective of the dominant "other" want to be seen. By proposing the photo-dialogue methodology, image construction is used as a tool for subversion of the heteronormative order, of established femininities and masculinities, of regulatory meanings of a female identity.

KEY-WORDS: Gender Studies; Feminism; Photography; Identity; Representation.

1. INTRODUÇÃO

Os movimentos feministas e LGBTQs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros) alcançaram muitos avanços em sua luta histórica por igualdade e reconhecimento da diversidade do ser. Mesmo assim, em pleno século XXI, ainda são muito comuns os casos de violência e apagamento de pessoas fora dos padrões normativos hegemônicos de sexo, raça, gênero ou estéticos, todos os dias.

Para além de questionar esses padrões determinantes, é importante, do mesmo modo, propor novas possibilidades de reconhecimento e valorização do que é entendido enquanto ser humano, independente de suas nuances de femilidades e masculinidades. Para além da contestação do dominante como única forma de existir, é preciso reconhecer e colocar em evidência as múltiplas formas identitárias e abrir espaço para sua representação e representatividade. Uma das formas de colocar isso em prática seria por meio da arte, no caso do presente trabalho, a escolha é pela fotografia. O objetivo é levantar questionamentos e reflexões, tendo o social como ponto de partida.

Contudo, pensar representação e representatividade é definir o que é incluído ou excluído do quadro, e se “as normas são estabelecidas por meio de enquadramentos visuais e narrativos, e o ato de enquadrar pressupõe decisões ou práticas que deixam perdas substanciais fora do enquadramento” (BUTLER, 2015, p. 115), aqui a proposta é que esses enquadramentos, antes de tudo, sejam pensados e escolhidos de forma autônoma e horizontal, trazendo para dentro da moldura o que a pessoa fotografada de fato entende como representação de si mesmo. O objetivo é pensar o ser mulher, suas várias formas e possibilidades, a partir da fotografia e do diálogo, numa proposta de construção coletiva, onde o resultado final não é decisão apenas de quem detém a câmera. A fotografia aqui é usada como ferramenta de subversão dos sentidos reguladores de uma identidade feminina.

Quando falamos de representação e representatividade “as fotos... a forma como são mostradas, o modo como são enquadradas e as palavras usadas para descrever o que é mostrado atuam em conjunto para produzir uma matriz interpretativa para aquilo que é visto” (BUTLER, 2015, p. 121). A ideia aqui é que esse processo ultrapasse as forças das identidades dominantes, que

tendem a definir o que é ser, na perspectiva da existência, e o que é aceitável (ou não).

O foto-diálogo ou diálogo-foto como base deste trabalho é um longo processo de mergulho e reflexão sobre o si mesmo no embate contra um enquadramento de normas e padrões, que explora a percepção e questiona o ser, fundamentado em uma profunda troca entre fotógrafa e fotografadas, que somente é possível quando há disposição para a confiança e cumplicidade.

Mais do que pensar fotografia e imagem, é defender o entendimento de que somente existimos na nossa interpelação com o outro e que o que somos depende dessas relações que estabelecemos. É ir contra a ideia liberal amplamente difundida na atualidade de que nosso reconhecimento e valorização independe do Outro e de que tudo pode ser resolvido na individualidade.

Vale ressaltar que o que se apresenta aqui não é todo o longo processo que levou a esse resultado em fotografias, mas a versão que as próprias fotografadas escolhem mostrar de si mesmas.

2. AS NORMAS DO TORNAR-SE MULHER

Ao longo da História, os Estudos de Gênero têm apresentado questionamentos e reflexões a respeito das relações de poder, ou poderes, subordinação das mulheres e dos femininos, além de controle dos corpos. Esses estudos fazem parte de um desenvolvimento do pensamento crítico dos papéis de gênero desempenhados e da construção do tornar-se mulher. A esse respeito, Judith Butler aponta que:

Se há algo de certo na afirmação de Beauvoir de que ninguém nasce e sim torna-se mulher, decorre de que mulher é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim. Como uma prática discursiva contínua, o termo está aberto a intervenções e a re-significações. (BUTLER, 2003, p. 58-59)

Ou seja, é relativamente aceita a ideia de que não existe apenas ‘uma’ mulher, tampouco ‘um’ feminino, mas que estas duas categorias são atravessadas por uma complexa rede, que inclui questões étnico-raciais, de classe, identidade de gênero, orientações sexuais, historicidade cultural; que fazem este corpo, político e social, criando vários sentidos do que é ser mulher. Vale lembrar que, ao longo da História, nem sempre houve o entendimento e a aceitação do ser mulher como algo plural.

Dentro desta mesma perspectiva de sociedade e das violências e opressões sofridas por determinados corpos, surge o conceito de interseccionalidade, que torna visível a multiplicidade discriminatória:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002: 177).

Ademais, “o corpo está sempre sitiado, sofrendo a destruição pelos próprios termos da história. E a história é a criação de valores e significados por uma prática significativa que exige a sujeição do corpo” (BUTLER, 2003, p. 225).

Categorias como esposa, mãe, recatada, do lar, ou qualquer outra normatização e/ou naturalização do que é ser mulher, do que é o ideal de feminino, foram construídas ao longo de séculos e têm como base a repetição ligada a um discurso. Ou seja, é um modelo construído e reiterado socialmente,

a partir de uma ordem dominante cristalizada na figura do homem branco, cisgênero, heterossexual, burguês. Nas palavras de Butler,

[...] o gênero é estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (BUTLER, 2003, p. 59)

Na disputa entre o biológico/natural e o socialmente construído, considera-se aqui a segunda opção enquanto ponto de partida para se pensar e questionar o papel das mulheres nos dias de hoje, ou ainda, o papel que se espera que seja seguido dentro de modelos estabelecidos. Seja por questões de classe, raça e/ou gênero, padrões estéticos e de comportamento, a normatização da beleza e das identidades atravessa corpos muitas vezes invisibilizados e subjugados na perspectiva do “outro” dominante, que produz discursos que vulnerabilizam determinadas vidas. Os questionamentos e reflexões aqui propostos pretendem se debruçar sobre beleza, gênero, subjetividade e identidade em corpos cotidianamente violentados pelas estruturas de poder vigentes em nossa sociedade contemporânea.

Vale ressaltar ainda, no que se refere às questões de identidade do sujeito pós-moderno, que na abordagem de Stuart Hall (2002), não há nada que seja fixo, essencial ou imutável, esse sujeito é contraditório e inacabado. O processo é de fragmentação do indivíduo moderno, que há pouco ainda era visto como um sujeito unificado. Sendo assim, a identidade constante, inabalável, segura e coerente mostra-se irreal. Atualmente, a identidade é marcada por novas características, entendida como algo aberto, experimental, mutável e contraditório.

Os movimentos de mulheres têm constantemente suas lutas caracterizadas e simplificadas no objetivo de igualdade de gêneros. Sem entrar na discussão do que isso significa de fato, é importante lembrar que o enfrentamento da normatividade dos gêneros, do papel definido para as mulheres, e a elucidação da pluralidade do que é ser mulher, são pontos centrais dessas lutas. A subversão da dita ordem natural, que de natural nada tem para além do que se tenta construir como verdade a partir das estruturas de poder, está na ordem do dia quando se pensa em feminismo.

No entanto, para além da importância da coletividade, e talvez até mesmo anterior à ela, será, possivelmente, no campo do indivíduo que aparecerão as resistências que demonstram a pluralidade de sentidos, corpos, sexualidades e gêneros fora da norma e potenciais sujeitos de outras narrativas que sendo:

[...] Possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício; por definição, não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder. Mas isso não quer dizer que sejam sub-produto das mesmas, [...] Também são, portanto, distribuídas de modo irregular: os pontos, os nós, os focos de resistência disseminam-se com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento. (FOUCAULT, 1985, p. 91).

Ao se pensar em resistências e em subversão dos padrões normativos impostos pela sociedade, é importante levantar outros pontos. Quem vai contra a ordem dominante constantemente se depara com respostas, em sua grande maioria negativas, de rejeição ou até mesmo de violência. Butler (2003) fala de repúdio aos corpos em consequência de seu sexo, sexualidade e/ou cor, repúdio esse que consolida identidades predominantes e hegemônicas. É a exclusão e dominação do Outro agindo na regulação e controle sociais.

Contudo, estamos a todo tempo falando em construção social e cultural dos gêneros, em pluralidade das formas e sentidos do ser mulher. Sendo assim, pode-se concluir que, apesar das investidas de dominação, não há verdade absoluta e única em feminilidade e masculinidade, e, portanto, não há mentira.

Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável. (BUTLER, 2003, p. 236)

3. REPRESENTAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE DO SER MULHER

Pensar gênero e categorias do feminino e masculino também é pensar representação política, linguística, cultural e imagética. É pensar representação e representatividade de sentidos e identidades, e, sobretudo, as construções do que é representado, do que vale a pena ser representado, do que é reconhecido enquanto sujeito nessa representação. Neste sentido, é importante considerar que “os domínios da ‘representação’ política e linguística estabeleceram a priori o critério segundo o qual os próprios sujeitos são formados, com o resultado de a representação só se estender ao que pode ser reconhecido como sujeito” (BUTLER, 2003, p. 18). Novamente entramos na relevância da repetição e no que pode-se chamar de confronto ou embate cultural no reconhecimento da normalidade.

A sutileza do embate cultural requer um olhar igualmente sutil. Há que perceber os modos como se constrói e se reconstrói a posição da normalidade e a posição da diferença, porque, afinal, é disso que se trata. Em outras palavras, é preciso saber quem é reconhecido como sujeito normal, adequado, sadio e quem se diferencia desse sujeito. As noções de norma e de diferença tornaram-se particularmente relevantes na contemporaneidade. É preciso refletir sobre seus possíveis significados. (LOURO, 2008, v. 19, n. 2, p. 21-22)

Enquanto Butler pergunta “que tipo de repetição subversiva poderia questionar a própria prática reguladora da identidade?” (BUTLER, 2003, p. 57) e “o que constituiria a possibilidade de inversão, subversão ou deslocamentos efetivos nos termos de uma identidade construída?” (BUTLER, 2003, p. 58), Berenice Bento fala sobre a capacidade dos sujeitos construírem novos sentidos para os femininos e masculinos e a “capacidade performática” da linguagem na produção de feminilidades e masculinidades, “a verdade dos gêneros não está no corpo, mas nas possibilidades múltiplas de construir novos significados para os gêneros”, (BENTO, 2012, p. 47). E, levando-se em consideração que nos é ensinado a ser mulher (ou homem),

Aprendemos a viver o gênero e a sexualidade na cultura, através dos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis e também, contemporaneamente, através dos discursos dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos. As muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada/o são ensaiadas e ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra. E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas. As possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades ampliaram-se. As certezas acabaram. Tudo isso pode ser fascinante, rico e também

desestabilizador. Mas não há como escapar a esse desafio. (LOURO, 2008, v. 19, n. 2, p. 22-23)

Falar de representação e representatividade é também falar de não-representatividade, e é fácil perceber essa ausência no cotidiano midiático e cultural, por exemplo, a partir de alguns números. A pesquisa *Personagens do Romance Brasileiro Contemporâneo*, da Universidade de Brasília (UNB), revela que, dos livros nacionais publicados entre 1965 e 2014, mais de 70% foram escritos por homens, 90% por brancos. Entre as personagens, 60% dos protagonistas são homens, 80% brancos e 90% heterossexuais.

Se formos para a área do cinema, entre 2002 e 2014, no que se refere às maiores bilheterias brasileiras, nenhum filme foi dirigido por uma mulher negra. A pesquisa *A Cara do Cinema Nacional*, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), aponta ainda 2% de homens negros como diretores, 84% de homens brancos e 13% de mulheres brancas. Entre os roteiristas, apenas 4% negros.

No campo da normalidade e da diferença, um conceito proposto pela escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie faz-se bastante pertinente. Ao falar sobre o perigo da “história única” e sobre o poder aí envolvido, ela alerta para o que não se caracteriza somente por contar a história do outro de forma reducionista, mas por transformar, concomitantemente, esta versão em definitiva. Quem detém poder para contar a história desta forma, para criar narrativas, versões, imagens e padrões, é sempre importante lembrar que é o mesmo que detém poder econômico, político, cultural, intelectual. A “história única” cria estereótipos, e o problema não é que eles sejam mentira. O problema é que são incompletos. E as abordagens do ser mulher na grande maioria das vezes tendem a seguir este caminho. “Qualquer uma delas é uma narrativa possível, mas de nenhuma delas posso dizer com certeza que seja a única verdadeira” (BUTLER, 2015, p.53).

Se estamos falando de repetição, de estereótipos e de embate cultural contra a invisibilidade das múltiplas histórias e feminilidades possíveis, precisamos falar e pensar ao mesmo tempo em ferramentas para esse enfrentamento. Entre as possibilidades de construção de novos sentidos para os femininos e a própria elucidação da pluralidade dos femininos já existentes, pode-se tomar como exemplo a utilização da arte como instrumento. No presente

trabalho, a proposta é utilizar a fotografia enquanto ferramenta de subversão dos sentidos reguladores de uma identidade feminina, numa construção compartilhada, e não individual, sempre baseada na relação entre os participantes na busca por ressignificar as opressões vivenciadas.

4. FOTOGRAFIA DIALÓGICA

Por meio da fotografia e de uma fotoetnografia, o objetivo é materializar e instrumentalizar a visibilidade e a autonomia na escolha de como esses corpos fotografados querem ser vistos. Diferente de propostas que colocam a fotografia como um acessório dentro da discussão social e antropológica, vale ressaltar que, no presente trabalho, ela é o centro. E é a partir dessa centralidade que se constrói a escrita, que se questiona as normas e ao mesmo tempo se propõe um fazer fotográfico. A fotografia aqui não só não é secundária ao texto como é texto.

Sendo assim, partindo-se da ideia de formação e construção de identidades e subjetividades sob grande influência do olhar do “outro”, a fotografia aqui é utilizada como instrumento de valorização e subversão da ordem heteronormativa, de feminilidades e masculinidades estabelecidas como dominantes e únicas dignas de valorização e reconhecimento social. Numa proposta que poderia ser chamada de foto-diálogo, ou diálogo-foto, fotógrafa e fotografadas se propõem à uma profunda reflexão sobre o quê somos, porquê somos e o quê queremos ser. A busca é justamente pelo enfrentamento da “história única”.

Se “diante da objetiva, sou ao mesmo tempo: aquele que eu me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele se serve para exibir sua arte” (BARTHES, 1984, p. 23), na fotografia associada ao diálogo e a um processo de construção coletiva pretende-se romper os próprios pré-julgamentos na busca por um profundo encontro com o si mesmo.

A busca é por materializar o olhar e o discurso não apenas de uma pesquisadora sobre o seu “objeto de pesquisa”, mas de uma relação que se estabelece entre quem é pesquisada e pesquisadora e entre pesquisadora e quem é pesquisada, num processo onde ambas são sujeitos e protagonistas das reflexões e resultados encontrados e/ou construídos.

Partindo-se da premissa de que “é conhecido o fato de que fotografias e textos escritos ajudaram a construir estereótipos, posicionando o Outro em relação a uma noção de Nós de seus produtores” (BITTENCOURT, 1994, p. 226), nesta proposta, os papéis se confundem num jogo de espelhos entre o que se vê, o que se quer fazer ver, o que se diz e o que se quer dizer.

O espaço do diálogo no centro do processo fotográfico e do lugar do Outro mudou a dinâmica da fotografia no final do século XX, algo relativamente recente, trazendo à tona a possibilidade de expressão para além do documento. O sujeito rejeitado e/ou utilizado como objeto na fotografia-documento finalmente ganha importância, numa tentativa de troca, e não mais de assalto imagético, que permite a manutenção da autonomia e da liberdade.

A relação fotógrafo-fotografado, marcada por uma estrutura de poder de quem possui a câmera em mãos, precisa ser repensada numa nova perspectiva, que exige um novo processo fotográfico, que traga para perto e para dentro quem antes tinha um papel simplificado de objeto. E,

[...] para acessar a realidade vivida pelos excluídos, para superar a vergonha que muitas vezes os esmaga, para reduzir o fosso que os separa do mundo, em resumo, para vencer a invisibilidade que os atinge, uma simples foto parece bem irrisória. A não ser que a fotografia se inscreva em uma abordagem que conjugue contatos e permutas. E isso sempre exige tempo, semanas e meses; pede uma extrema disponibilidade para o Outro; supõe uma perspectiva social e política global; obriga a inventar procedimentos cada vez mais específicos. (ROUILLÉ, 2009, p. 178-179)

Para Rouillé (2009), o mais importante não é que os fotógrafos representem o mundo em toda sua diversidade, mais do que isso, o importante é a transformação que se pode causar. Uma das possibilidades que o autor coloca é de um processo dialógico, onde quem é fotografado tem papel ativo, e “ao colocar-se o mais próximo possível dos indivíduos singulares, transformando-os em sujeitos, o procedimento adotado mescla a produção de imagens e a resistência aos efeitos da precariedade” (ROUILLÉ, 2009, p. 179), conceito esse que conversa com a precariedade¹ e a vulnerabilidade da vida humana tratadas por Butler (2006).

O que se propõe aqui não se assemelha à ideia do processo fotográfico enquanto busca do real e da verdade, o que já foi amplamente debatido ao longo da existência da fotografia, mas uma construção conjunta de olhares e representatividades, um afrontamento à própria precariedade, com base no diálogo, que pretende resultar em algo bem próximo de um autorretrato.

¹ “...porque a vida requer que várias condições sociais e econômicas sejam atendidas para ser mantida como uma vida... A precariedade implica viver socialmente, isto é, o fato de que a vida de alguém está sempre, de alguma forma, nas mãos do outro. Isso implica estarmos expostos não somente àqueles que conhecemos, mas também àqueles que não conhecemos, isto é, dependemos das pessoas que conhecemos, das que conhecemos superficialmente e das que desconhecemos totalmente.” (BUTLER, 2015, p. 31)

Certamente, não se pode deixar de considerar que “ao enquadrar a realidade, a fotografia já determinou o que será levado em conta dentro do enquadramento – e esse ato de delimitação é sem dúvida interpretativo, como o são, potencialmente, os vários efeitos de ângulo, foco, luz etc” (BUTLER, 2015, p. 105). Aqui, ao mesmo tempo que os enquadramentos escolhidos controlam o que se torna perceptível e intermedeiam a relação fotógrafa-fotografada, na ideia do diálogo, o Outro “é aquele que subverte as normas, que desafia os padrões, que faz vacilar o poder, que perturba os valores dominantes, os princípios das maiorias. O Outro é menor. Aquele que desafia o maior” (ROUILLÉ, 2009, p. 181) ao tomar para si a autonomia na construção de sua própria imagem e, conseqüentemente, de sua própria identidade.

Se “uma pessoa é um conjunto de aparências, as quais podem revelar, mediante um foco adequado, infinitas camadas de significado” (SONTAG, 1977, p. 176), a ideia de uma foto-diálogo ou diálogo-foto passa justamente por essas nuances de significados e sentidos, com o objetivo de se atingir um resultado onde a pessoa fotografada se perceba e se enxergue, de fato, nas imagens construídas.

Nesta proposta de processo fotográfico, uma reportagem dialógica, acontece o rompimento com uma das bases da fotografia do século XX: o conhecido “instante decisivo” de Henry Cartier-Bresson. Nessa nova lógica, fotógrafos não são “espectadores do mundo [...] privilegiando o olhar, a distância, o recuo, o afastamento, o desprendimento” (ROUILLÉ, 2009, p. 182), a reportagem dialógica consiste justamente no rompimento com essa distância, na troca, na proximidade, no tempo prolongado para além do instante. Aqui, fotógrafo e fotografados são donos de um mesmo projeto, “em que a foto não passa de um momento, sem ser necessariamente a finalização” (ROUILLÉ, 2009, p. 183), o que só é possível com tempo e aprofundamento. Nesse processo, quem fotografa troca e dá, numa abordagem muito mais social do que mercadológica, e em favor de quem está do outro lado da câmera. “Dentro dessa estrutura, fotografar não é mais roubar, e posar não significa mais se oferecer inutilmente aos fotógrafos de passagem. O modelo torna-se um ator, um verdadeiro parceiro, um sujeito” (ROUILLÉ, 2009, p. 183), e o que se estabelece pressupõe confiança e cumplicidade.

Considerando-se imagens enquanto mensagens que podem ser códigos que traduzem processos em cenas, em quadros, a presente proposta caminha justamente para transformar processos dialógicos em imagens. Para além, pensando-se a fotografia em sua característica impregnada de visão de mundo, de sentidos e significados, e em seu potencial de quebrar paradigmas, vale lembrar que:

O caráter aparentemente não-simbólico, objetivo, das imagens técnicas faz com que seu observador as olhe como se fossem janelas e não imagens. O observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus próprios olhos. Quando critica as imagens técnicas (se é que as critica), não o faz enquanto imagens, mas enquanto visões de mundo. (FLUSSER, 2011, p. 30)

Na busca pelo que se quer capturar e representar, a proposta dialógica é coletiva e interdisciplinar, e vai contra as abordagens onde o Outro é apenas um objeto, onde a fotografia, o enquadramento, impera sobre as pessoas. Aqui, as pessoas fotografadas importam mais que a própria fotografia, e o que se produz são “imagens com”, não mais “imagens de” ou “imagens para”.

A própria maneira de testemunhar muda. Não mais consiste em reproduzir o visível, mas em tornar visível, tornar visíveis os sem-fisionomia e sem-imagem, os excluídos tanto da visibilidade dominante como da vida social e política: os estrangeiros em seu próprio país. E fazer isso junto com eles: não sem eles, como fazem os repórteres; nem naturalmente contra eles, como fazem os paparazzi. Testemunhar obriga inventar novas formas e novos procedimentos, uma espécie de nova língua fotográfica, para transformar regimes do visível e do invisível, para acessar o que está sob os nossos olhos, mas que não sabemos ver. Não fotografar ‘as’ coisas ou ‘as’ pessoas, mas fotografar os estados de coisas e com as pessoas. (ROUILLE, 2009, p. 184)

Considerando-se que nenhum corpo está livre das influências dos discursos e que “o ato da linguagem não é uma representação da realidade, mas uma interpretação construtora de significados” (BENTO, 2012, p. 36), utiliza-se a fotografia enquanto apropriação de uma linguagem para a representação de si mesmo, numa ruptura das estruturas de poder ainda presentes na escolha do que é visível e relevante. Vale ressaltar que o que se pretende não é tornar o Outro visível, mas construir o discurso e a narrativa da representação de forma que a visibilidade seja autônoma e coletiva.

5. QUEM EU SOU? QUEM É VOCÊ?

Quando quero saber quem sou, a pergunta correta a ser feita está no outro: quem é você? Ao se considerar que “eu existo em um sentido importante para o tu e em virtude do tu” (BUTLER, 2015, p. 46), fica clara a relação de dependência que estabelecemos uns com os outros, numa interpelação que possibilita a nossa própria existência. Indo mais a fundo, “eu sou minha relação contigo, ambigualmente interpelada e interpelante, entregue a um “tu” sem o qual não posso existir e do qual dependo para sobreviver” (BUTLER, 2015, p. 106). E, para que o processo aconteça,

A interpelação é que define o relato que se faz de si mesmo, e este só se completa quando é efetivamente extraído e expropriado do domínio daquilo que é meu. É somente na despossessão que posso fazer e faço qualquer relato de mim mesma. (BUTLER, 2015, p. 51-52)

Se para que o relato de si mesmo possa se concretizar de maneira mais completa é necessária essa despossessão, pressupõe-se aqui que não é possível realizar esse foto-diálogo ou diálogo-foto sem essa entrega e que nem toda pessoa fotografada conseguirá permitir-se a isso. Por mais que o processo seja permeado por acordos, tanto os ditos quanto os não ditos, sobre o que poderá tornar-se público ou ficará restrito a quem o vivenciou, o resultado final agregará todas essas etapas. Por mais que muitas nuances permaneçam escondidas para os terceiros que terão contato com as fotografias, elas carregarão todas elas e as imagens somente serão completas se tiverem sido baseadas numa imprescindível confiabilidade.

Ao mesmo tempo, ao me colocar enquanto fotógrafa numa perspectiva de construção coletiva, autonomia e liberdade do fotografado, abrindo mão em grande medida do poder a mim atribuído pela posse de uma câmera e pela decisão do momento do clique, o trabalho somente se torna possível com base em meu comprometimento, cumplicidade e entrega diante do outro, para o outro e com o outro, no sentido de assumir para mim as dores, angústias, histórias, feridas e cicatrizes da pessoa fotografada.

“A unicidade do outro é exposta para mim, mas a minha também é exposta para o outro. Isso não significa que sejamos o mesmo, mas apenas que estamos ligados um ao outro por aquilo que nos diferencia, a saber, nossa singularidade.” (BUTLER, 2015, p. 48-49)

Dentro dos limites desse relato e dessa troca, o que se pretende é o falar de si mesmo em conjunto com o falar por si, tendo o embate cultural como

pano de fundo na possibilidade e tentativa de se autorrepresentar. Ao mesmo tempo, é uma autorrepresentação fundada na inter-relação, onde o eu só é, só existe, na interpelação com outro, “o ‘eu’ que sou não é nada sem esse ‘tu’ e sequer pode começar a referir a si mesmo fora da relação para com o outro, da qual surge sua capacidade de autorreferência” (BUTLER, 2015, p. 107).

Pensar e representar a si mesmo, na perspectiva de questionar a normalidade que sustenta os indivíduos em sua condição de sujeito, é recusar a própria desorientação e interrupção de narrativa causada socialmente por essas normas. E essa ação só poderia ser realizada pressupondo-se um outro.

Todavia, com as limitações aí colocadas, vale ressaltar que a narração, em certa medida, dá lugar à performance, numa encenação de si mesmo diante do outro, que resultaria numa nova produção do “eu” em relação a esse outro, o que, de maneira alguma, diminuiu a importância do processo em si.

Eu também enceno o si-mesmo que tento descrever; o “eu” narrativo reconstitui-se a cada momento que é evocado na própria narrativa. Paradoxalmente, essa evocação é um ato performativo e não narrativo, mesmo quando funciona como ponto de apoio para a narrativa. Em outras palavras, estou fazendo alguma coisa com esse “eu” – elaborando-o e posicionando-o em relação a uma audiência real ou imaginária – que não é contar uma história sobre ele, mesmo que “contar” continue sendo parte do que faço. Qual parte desse “contar” corresponde a uma ação sobre o outro, uma nova produção do “eu”? (BUTLER, 2015, p. 89)

Aqui, coloco-me no lugar de um outro que testemunha e registra o que muitas vezes não pode ser apenas narrado por quem está na frente da câmera e ajo como alguém que tem a possibilidade de ver e descortinar um fio narrativo, “ainda que basicamente aquele cuja prática da escuta encena uma relação receptiva para com o si-mesmo que o próprio si-mesmo, em apuros por causa de sua autocensura, não oferece a si mesmo” (BUTLER, 2015, p. 105).

De certa forma, pode-se dizer que o processo de fotografia dialógica aqui proposto possui nuances terapêuticas, no sentido da disposição e disponibilidade de um mergulho profundo nos questionamentos sobre quem se é, além de como se quer ser visto. E essas nuances não permeiam apenas quem é fotografado, mas a mim mesma enquanto fotógrafa, que no aprofundamento do diálogo e do contato com as vivências e histórias diante dos meus olhos e

ouvidos, me aproximo também do meu próprio eu e dos meus próprios questionamentos na direção de quem sou e quem quero ser.

6. ENSAIOS FOTOGRÁFICOS

Para o presente trabalho foram realizados dois ensaios fotográficos baseados na metodologia proposta de foto-diálogo/diálogo-foto. Foram duas mulheres que se dispuseram a serem fotografadas a partir de um intenso diálogo sobre suas experiências e vivências enquanto feminilidades que rompem, de maneiras diferentes e singulares, com normatividades do que é considerado ser mulher pelo senso comum. Seja por questões estéticas e/ou de sexualidades não-normativas, são duas mulheres que levaram alguns anos de suas vidas para compreenderem a própria identidade e compartilharam suas reflexões comigo ao construirmos imagens.

Ambas vivenciaram processos de experimentação e descoberta de si mesmas, principalmente quando se deram conta de que não se encaixavam em tudo que lhes foi ensinado desde a infância sobre o ser mulher.

Cada processo de foto-diálogo/diálogo-foto requer tempo. E foi exatamente isso o que aconteceu neste trabalho, muito tempo, muitas trocas e muitas conversas para chegar aos resultados aqui apresentados.

6.1. Luisa Burt

Eu conheci a Luisa há alguns anos, mais precisamente em 2010, quando estivemos juntas num intercâmbio na África do Sul. Na época, uma adolescente tímida, fechada, reservada, inteligente, estudiosa e relativamente dentro dos padrões esperados para uma menina de classe média. Ao longo dos anos, mantivemos contato, nos encontramos algumas vezes e acompanhei um processo visível de muitas transformações e descobrimentos. É muito comum que ela escute de pessoas que a conhecem há muito tempo que virou outra pessoa, o que na verdade diz que ela é apenas cada vez mais ela.

Quando decidi viver em Foz do Iguaçu para cursar a Especialização em Direitos Humanos na América Latina na UNILA (Universidade Federal da Integração Latino Americana) foi uma oportunidade de estarmos mais próximas novamente, dessa vez em outros momentos de nossas vidas e com muito mais reflexões do que antes. Ao pensar na proposta deste trabalho, imediatamente pensei na Luisa como uma das pessoas a participarem, por ter visto suas

transformações e por admirar sua entrega e reconhecimento da própria identidade.

Para além do fato de ser mulher em uma sociedade patriarcal e machista como a nossa, Luisa carrega uma origem paraguaia e a migração para o Brasil ainda na infância. Apesar de sua família se dividir entre Brasil e Paraguai, ela não escapou do processo de adaptação num novo lugar, com uma língua diferente e todos os estereótipos atribuídos aos paraguaios. Além disso, ela cresceu numa família conservadora e religiosa, o que certamente contribuiu na sua formação e fez parte dos rompimentos que a levaram a outras possibilidades de ser.

Ao se colocar de formas não normativas, seja física e esteticamente com seus cortes de cabelo e roupas diferentes, ou ainda sexual e afetivamente com sua abertura para relacionar-se com pessoas, com sua tendência a se apaixonar antes por “almas” do que pela aparência física, Luisa rompe com padrões colocados e enfrenta as consequências que isso traz. Principalmente quando se fala de sexualidade para uma pessoa que se enxerga de maneira fluida, podem ser muitos os julgamentos externos. Ao não se definir como hétero, homo ou bissexual, mas se colocar no que ela entende como fluidez afetiva-sexual, Luisa opta por não se encaixar tanto nas regras sociais heteronormativas quanto nas regras do universo homossexual. Para além disso, seu comportamento, que perpassa tanto que considera-se masculino quanto feminino, costuma assustar principalmente homens heretonormativos e conservadores, algo que deixa em evidência sua não conformidade com o que se espera de uma mulher numa relação

Comecei a desenvolver este trabalho em meados de 2018 e desde então tivemos inúmeras conversas e trocas sobre o que essa experiência poderia ser e sobre como poderíamos chegar no melhor resultado, representativo tanto da vivência quanto da imagem que ela faz de si mesma e quer expressar. Nessas conversas, Luisa sempre expressou sua preferência por não se encaixar em nada e a importância e sua autonomia tanto de expressão quanto descoberta de si mesma.

Após algumas tentativas e levando em consideração nossa escolha por manter a fluidez do processo, sem atropelos e sem colocar em primeiro lugar uma agenda a ser cumprida, este ensaio aqui apresentado foi realizado na casa

de sua família em Assunção, no Paraguai, onde ela morou alguns anos da sua infância. Um cenário que faz parte de quem ela é e contempla uma grande referência em sua vida: seu avô paterno, um conhecido artista paraguaio. As obras que aparecem em algumas fotos são dele.

Para mim, essa experiência foi extremamente enriquecedora, tanto como processo quanto como troca de nossas reflexões sobre quem somos e quem queremos ser. Dentro do que se propõe, a relação fotógrafa-fotografada certamente pode ser aprofundada pela nossa relação de amizade e confiança. Posso afirmar que após tudo isso ouvir que ela se vê nessas fotos muito mais do que em outros ensaios que já fez e que consegui capturar, de fato, o que construímos e quem ela é, em suas várias camadas, é maravilhoso. E se o processo é baseado na troca e na construção conjunta, deixo também as palavras da Luisa sobre o que significou para ela:

“Quando Dilly me convidou para participar da proposta me senti privilegiada em poder contribuir no apresentar de formas de feminilidade. A experiência me permitiu mostrar a minha forma de expressar e compreender a minha construção do ser mulher, que reflete o questionamento que tenho sobre os estereótipos de gênero. No meu entendimento, as fotografias atuais são refletoras da minha presente manifestação de feminilidade, um recorte no tempo, pois segundo noto de acordo com minha experiência, ela continuará a se transformar, como sempre vem se transformando. O que é feminino e masculino é definido cultural, social e historicamente. Eu vejo elementos em mim que podem ser considerados femininos ou masculinos, presentes em gestos, atitudes, estilo, personalidade. São características que independente de definição de categorias, coexistem dentro de mim, os nomes são apenas nomes. Durante o ensaio me senti muito à vontade para expressar essa “mistura”. Vejo capturado nas fotos como eu mesma me percebo e me vejo, uma pessoa autêntica, inconformada, questionadora, crítica, rebelde e autônoma, líder da própria cabeça, o que eu denomino de: ‘autonomia de expressão de corpo e alma’. Tem uma frase que me identifico e que gostaria de mencionar para finalizar: ‘Feminino, masculino, depende do caso. Neutro é o único conceito que me cabe. Se o neutro existisse na nossa sociedade, não existiria essa ambiguidade no meu pensamento.’ (Claude Cahun)”.



Fotografia 1: Luisa Burt



Fotografia 2: Luisa Burt



Fotografia 3: Luisa Burt



Fotografia 4: Luisa Burt



Fotografia 5: Luisa Burt



Fotografia 6: Luisa Burt



Fotografia 7: Luisa Burt



Fotografia 8: Luisa Burt



Fotografia 9: Luisa Burt



Fotografia 10: Luisa Burt

6.2. Stephany Mencato

Conheci a Stephany, ou Fanny, como gosta de ser chamada, na Especialização em Direitos Humanos na América Latina, em 2017. Sendo ela uma pessoa que muito visivelmente rompe com os padrões do ser mulher, seja pelo cabelo curto ou pela forma que escolhe se vestir, ambos em versões muitas vezes atribuídas ao gênero masculino, quando comecei a desenvolver esta proposta logo pensei que seria alguém que poderia somar.

Também neste caso, foram inúmeras as conversas que tivemos até propriamente o dia do ensaio. Posso dizer que esse processo além de fotos construiu uma amizade, tamanhas as reflexões e trocas que nos permitimos ao longo de meses.

Entre as reflexões estive justamente a questão sobre como ela se entende enquanto sujeito. Ao longo de suas construções identitárias, foram muitos os questionamentos internos e externos sobre ser mulher, ser trans, ser lésbica. Sua vivência em torno disso a levou ao próprio entendimento enquanto o que ela define como mulher-lésbica-queer. Fanny fala de sua definição como mulher lésbica com o objetivo de marcar uma posição política nos espaços que frequenta, é desta forma que ele se reivindica.

Ao se entender como alguém que luta e resiste, ela lembra o quanto sua forma de se colocar no mundo pode incomodar e interferir em sua vida profissional, por exemplo. Nas vezes em que precisou se colocar profissionalmente enquanto advogada dentro dos rígidos padrões desta categoria, foi como se ele tivesse voltado ao “armário”. Para ela é como se não houvesse reconhecimento de sua capacidade sendo ela mesma, o que nessas situações traz a necessidade de representar um outro eu.

Fanny acredita que para ser mulher não é necessário ser feminina e que a ideia do que é feminino e masculino é transitória. Ela relatou as cobranças que sofria na adolescência principalmente sobre o se vestir e como isso a levou a reflexões constantes para conseguir parar de tentar se enquadrar.

Ao falar muito sobre liberdade de vestir e de ser, Fanny entende que isso está nas possibilidades de vivência e não simplesmente em fazer o que quiser. Ao mesmo tempo ela coloca como importante a tentativa de entender o que é essa liberdade. Para ela, o reconhecimento de si e de sua própria identidade marca sua existência.

O lugar escolhido para este ensaio foi a casa da fotografada, principalmente seu quarto, que apresenta de maneira muito visível as marcas de sua construção. Fanny queria mostrar suas dualidades, suas nuances e seu universo, a mistura da academia intelectual com a academia dos exercícios físicos, seu processo de encontro com si mesma. De acordo com ela, essas fotos conseguiram mostrar como ela se vê e quem ela é nesse momento de sua vida. Pelo que pude conhecer ao longo desses meses, fico muito feliz de chegarmos a este resultado. Nessa construção coletiva, deixo as palavras da fotografada sobre o significado desse processo para ela:

“Eu realmente adorei o ensaio, mas talvez antes mesmo das fotos, a possibilidade de parar um pouco e refletir sobre a minha identidade continuamente em formação foi a parte mais intensa do processo. Gênero enquanto categoria de análise é meu tema de pesquisa, de trabalho, de rotina, e ao mesmo tempo me coloca continuamente em construção e fluxos que nem sempre consigo conscientemente perceber, por isso perceber minha fluidez nesses trinta anos e de algum modo ser capaz de refletir isso no ensaio foi encantador.

O que me colocou fora da norma muito antes que minha sexualidade foi minha identidade e expressão, nunca correspondi a padrões tradicionais de feminilidade, desde criança prefiro moletom a legging, não tenho interesse por maquiagens, saltos, cabelos compridos e coisas assim, e sempre me causou muita dor emocional e psicológica tentar me forçar a me encaixar nesses padrões.

Meu processo de formação de uma identidade é cheio de idas e vindas, os padrões tradicionais não me correspondem, mas ao mesmo tempo estão batendo à minha porta todo o tempo, e por vezes eu não entendi bem quais de fato são as minhas verdades, quais caminhos e marcas me cabem.

Aceitar minha identidade como algo que não é fixo, nem pronto, que preciso refletir a cada passo, entendendo o que me cabe e o que é importante, me causou muita agonia, sofrimento e confusão em diversos momentos da minha vida, mas, em contra partida, me permitiu me construir como alguém que me orgulho, admiro, respeito e amo.

E aprender a me amar, me perdoar e reconhecer a minha força ao longo dos anos foi primordial para aceitar essa minha identidade fluida.

Hoje em geral, como bandeira política, e simplificação social, me apresento como mulher lésbica e defendo essa posição, mas sei que estou em um outro lugar, me vejo muito mais como queer, com um gênero fluido, não um homem trans, tampouco uma mulher cis, mas algo no entre caminho, que aprendeu a gozar com todas as suas faces.

É nesse sentido que me vi retratar no ensaio, algumas fotos brincam com a busca por força física e psíquica, representam minha busca por esse equilíbrio tão caro pra mim. Uma delas o processo de construção de uma identidade que aceita o seu feminino, mas contrasta com uma hiper feminilidade idealizada e padronizada juvenil. A presença múltipla de livros, e frases que fazem parte da minha história. Por tudo isso, acredito que muito de quem eu sou hoje, muito do que me possibilitou estar aqui, sendo essa pessoa hoje, está retratado nesse ensaio.”



Fotografia 11: Stephany Mencato



Fotografia 12: Stephany Mencato



Fotografia 13: Stephany Mencato



Fotografia 14: Stephany Mencato



Fotografia 15: Stephany Mencato



Fotografia 16: Stephany Mencato



Fotografia 17: Stephany Mencato



Fotografia 18: Stephany Mencato



Fotografia 19: Stephany Mencato



Fotografia 20: Stephany Mencato

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que o que subverte ou tenta subverter a ordem dominante esbarra necessariamente em relações de poder, e poderes, sabe-se que nesse processo é preciso se utilizar da própria norma, ao mesmo tempo que somos usados por ela. Além dos riscos aí implicados, a disputa passa ainda pelo que é digno de reconhecimento e de que forma é reconhecido.

Há uma norma em atuação, invariavelmente social, que condiciona o que será e o que não será um relato reconhecível, exemplificada no fato de que sou usada pela norma precisamente na medida em que a uso. E não é possível fazer nenhum relato de mim mesma que, em certa medida, não se conforme às normas que governam o humanamente reconhecível ou negocie esses termos de alguma maneira, com vários riscos originando-se dessa negociação. (BUTLER, 2015, p. 51)

Se não é possível fugir à negociação e se “alguns humanos consideram natural sua condição de humanidade, ao passo que outros batalham para garantir o acesso a ela” (BUTLER, 2015, p. 117), a tentativa é de se basear em um autorreferenciamento que não tenha como parâmetro os padrões e as narrativas hegemônicas, mas uma apropriação do próprio “ser” e a possibilidade de contar a própria narrativa, partindo-se de si mesmo.

Mas significa que se me posiciono como se pudesse reconstruir as normas pelas quais se instaura e se sustenta minha condição de sujeito, então recuso a própria desorientação e interrupção da minha narrativa implicadas pela dimensão social dessas normas. (BUTLER, 2015, p. 107)

Partindo-se da ideia de que o reconhecimento da própria existência, e de uma existência relevante e digna de valorização, está diretamente referenciado pela nossa relação com o Outro, o que se apresenta aqui é justamente a importância dessas interpelações na construção de sujeitos e identidades. Precisamos desse Outro a todo momento para reafirmar nossa presença enquanto seres humanos.

Todavia, nesse processo, o que se buscou foi fazer com que essa interpelação fosse o mais horizontal possível, sem que a definição dessa existência esteja obrigatoriamente pautada em relações de poder. Ao colocar a troca como centro de todos os processos, a proposta vai ao encontro da autonomia e apropriação de si mesmo na construção de sua autorrepresentação.

No presente trabalho, subalternizados e invisibilizados foram convidados a tomarem como referência suas próprias histórias, vivências, estéticas e corpos, na busca por imagens que revelem como querem se mostrar e como querem ser vistos pelo mundo.

Os resultados encontrados enquanto imagens representam acúmulos pessoais e coletivos na tentativa de se chegar o mais próximo da representatividade buscada. É importante ainda lembrar que para que toda essa relação de troca, confiança e cumplicidade faça sentido, tudo que se apresenta aqui está de acordo com os diálogos realizados do início ao fim. Tanto o que faz parte dos enquadramentos quanto o que ficou de fora compõem o significado do que foi escolhido mostrar.

Se utilizar das ferramentas disponíveis para subverter a ordem que nos é imposta todos os dias é uma tentativa de enfrentamento dos padrões dominantes não apenas em sua negação, mas na afirmação e exaltação de novas narrativas possíveis.

8. REFERÊNCIAS

A cara do cinema nacional. Disponível em: <http://gema.iesp.uerj.br/textos-para-discussao/tpd6/>. Acesso em: 6 de julho de 2018.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade.** Brasiliense, 2008.

BITTENCOURT, Luciana. **A fotografia como instrumento etnográfico.** Anuário antropológico, v. 92, p. 225-241, 1994. Disponível em: http://dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1992/anuario92_luciana_bittencourt.pdf. Acessado em 11 de maio de 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra – quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética.** São Paulo: Autêntica, 2015.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** Estudos feministas, v. 10, n. 1, p. 171, 2002.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta.** Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade** (vols. 1, 2 e 3). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas.** Proposições, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

Personagens do Romance Brasileiro Contemporâneo. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/literatura/pesquisa-da-unb-perfil-do-escritor-brasileiro-nao-muda-desde-1965>. Acesso em: 6 de julho de 2018.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea.** Senac, 2009.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros.** Editora Companhia das Letras, 2003.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.